HOMEM

9 Outubro 2026



a

10 Janeiro 2027

RAIZ

Alfândega do Porto

Curadoria: Rita Roque

«Qual é o teu nome? E lhe respondeu, dizendo: Legião é o meu nome, porque somos muitos.»
Evangelho de São Marcos V, 9

«Os homens precisam de monstros para se tornarem humanos.»
José Gil

Maligna Mirabilia

Humanidade, Natureza, Divindade. Acreditava a metafísica tradicional que, do cruzamento ou aproximação descontrolada destas ordens, poderiam surgir novas criaturas, novas formas, outras representações. O perigo e o fascínio espreitavam pela mesma brecha: a anomalia produziria uma *monstruosidade*, uma alteridade significante, curiosidades fabulosas, *mirabilia*.

Para a teologia inquieta que ocupou Santo Agostinho, é da perturbação ou desregramento da cosmogonia e das distâncias entre o que é humano, natural e sagrado, que emergem prodígios escandalosos, obscenos. Criaturas que são *media*; isto é, que se estabelecem como mensageiros divinos, sinais proféticos, presságios.... Etimologicamente, *monstrare* significa "mostrar" e *monstrum* uma "advertência".

A antiguidade e o medievalismo encarregaram-se de povoar catedrais, igrejas, livros sagrados e cartografias dessas figuras híbridas e *bestiais*, perturbadoras e simbólicas – comunicantes.

Dir-se-ia que esse outro Agostinho – já não o Santo, mas o Santos – regressa a esse poderoso imaginário da metafísica da intersecção, das criaturas fantásticas e formas novas geradas dos cruzamentos do humano consigo mesmo, com o sobrenatural e a natureza, do reino animal e do mundo vegetal, numa polifonia de corpos e vozes. É esse jogo de mediação e revelação que visa.

Neste *teatro* de criaturas e de formas, liberta-se uma *legião* de *entes* de feição obscura, subterrânea, quando não mesmo demoníaca. Uma magnética, por vezes sombria, horda de figuras e figurinhas mostra-se necessária ao confronto do que em nós é humano, traumático ou maligno.
Homem-Raiz propulsa e liberta tais imagens superabundantes, múltiplas e híbridas, de um excesso mais simbólico e poético que figurativo. «Absolutamente transparente e totalmente opaco.» (José Gil)

Aquém e além de um gesto onírico evasivo, Agostinho explora antes a consanguinidade poética do mundo indeterminado das mediações da humanidade, num trabalho de sensibilidade *religiosa* e quase neocriacionista. Como quem diz, «esperamos novos céus e nova terra».

Nos 40 anos de vida artística de Agostinho Santos, o Porto orgulha-se de poder apresentar esta exposição, que testemunha a sua consistência e o seu fulgor.

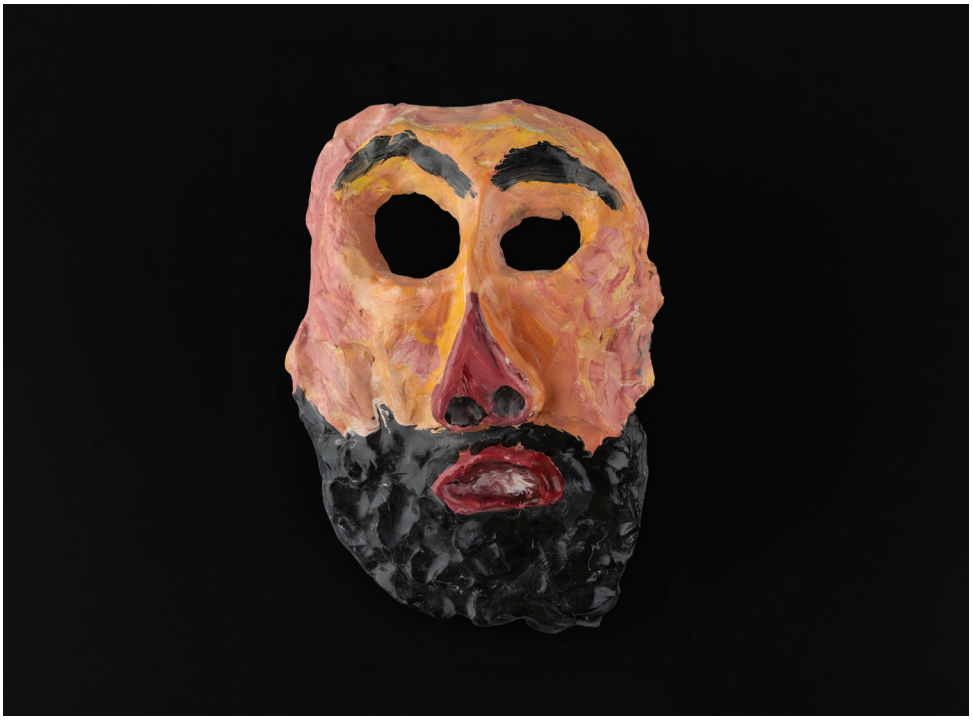
Jorge Sobrado
Vereador da Cultura e Património da Câmara Municipal do Porto



Homem



Raiz





| 2022|26

No mesmo dia
nasceram Buda
e um pequeno veado

Matsuo Bashō
(1644–1694)

Homem Raiz

Homem Raiz é um corpo de memória, experiência e pensamento. Celebra quarenta anos de trabalho e nasce precisamente desse estado de abertura: à matéria, ao gesto e ao instinto.

E talvez seja isso que significa ter raízes: não ficar parado, mas permanecer ligado àquilo de onde viemos enquanto continuamos a procurar outras formas de crescer.

A primeira exposição individual de Agostinho Santos, em 1987, chamava-se *Bicho Homem*.

Homem Raiz parece regressar a esse mesmo ponto de origem, não para o repetir, mas para o aprofundar. Entre um título e outro desenha-se um percurso feito de metamorfoses.

Os temas que Agostinho Santos aborda não são exteriores à sua vida. São experiências, encontros, leituras, inquietações, acontecimentos que foram sedimentando uma obra.

A violência, a guerra, as desigualdades entre homens e mulheres, os refugiados, a exclusão social, a condição das pessoas sem-abrigo, as relações de poder e a fragilidade humana.

Ao longo da exposição podemos ver que Agostinho Santos pinta por temas, por séries.

Durante muito tempo, esses núcleos parecem existir separadamente. Hoje, porém, tudo surge interligado, como se as diferentes raízes da sua obra se encontrassem finalmente debaixo da mesma terra.

Homem Raiz é uma exposição que expande o espaço expositivo, instalando nele um *atelier* provisório que desloca o processo plástico para dentro da exposição, num gesto participado e de convite ao voyeurismo. A segunda metade da sala é habitada por uma instalação de oito camas de rede, pintadas pelo artista durante o período de montagem, que transformam o espaço num território de relação com o corpo do espectador. As redes introduzem uma pergunta simples e brutal: não temos todos direito a um teto, a uma cama, a um lugar *onde pousar a cabeça*? A instalação prolonga uma preocupação que atravessa há décadas o trabalho do artista: a exclusão, a pobreza, a mendicidade, a violência, os refugiados, a guerra, as desigualdades e todas as formas de abandono. O espaço torna-se matéria. A exposição torna-se corpo. E o corpo torna-se pergunta. É um confronto sem promessas de conforto fácil, onde a mão avança, o gesto procura acompanhar o instinto e o alfabeto da sua prática toma forma sem se fechar.

O artista apresenta trabalhos em pedra, bronze, barro, plástico, fita, papel, tinta e objectos diversos, recusando a ideia de que os materiais possuem uma hierarquia determinada. Trata-se de uma coleção de formas, colagens que recuperam os ícones da história da arte ocidental, imagens que recuperam formas arcaicas, arqueológicas, fragmentos do quotidiano, onde a matéria é o magma, a *alma mater* fundamental do processo, e a obra nasce desse movimento de recolha e de transformação pela mão.

Esta aparente espontaneidade reflete o resultado de décadas de trabalho e de um exercício contínuo para libertar a mão dos automatismos e das convenções, uma valorização

do fazer, da mão, da matéria, da repetição, do conhecimento adquirido pelo corpo. É neste ponto que *Homem Raiz* encontra também uma dimensão ecológica. A raiz liga o homem à terra e recorda-lhe a sua dependência. A raiz é, assim, uma imagem de resistência.

*

Na infância, os brinquedos preferidos de Agostinho Santos eram tintas e pincéis. Entrou na Escola Artística Soares dos Reis em 1974 e, perante a necessidade de encontrar uma profissão que lhe permitisse viver, aproximou-se do jornalismo. Escreveu para jornais de Gaia, trabalhou no *Primeiro de Janeiro*, no *Jornal de Notícias* e desenvolveu uma longa atividade de repórter.

A formação em jornalismo, a entrada nas Belas-Artes já mais tarde, a formação em Pintura, o contacto com Baltazar Torres, a investigação académica e o doutoramento defendido em 2016 foram acrescentando camadas a uma prática que nunca deixou de ser profundamente experimental. O jornalismo deu-lhe algo que nenhum *atelier* poderia dar: o contacto direto com o mundo. Segundo o artista, as pessoas que precisavam de ajuda batiam à porta do jornal. Chegavam histórias de desespero, angústia, violência, exclusão. O jornalista ouvia. O artista observava. E, pouco a pouco, essas experiências começaram a contaminar a pintura.

Agostinho Santos não se limitou, contudo, a observar à distância. Quis experimentar o corpo. Viveu durante uma semana como sem-abrigo pelas ruas do Porto e de Lisboa. Dormiu em albergues. Arrastou cartão e jornais, procurou os melhores lugares para dormir, para escutar. Viveu nesse anonimato de quem atravessa a cidade sem ser verdadeiramente visto. Numa outra experiência ainda, conseguiu permanecer durante uma semana na cadeia de Paços de Ferreira, onde entrevistou reclusos — violadores, vigaristas, vândalos e assassinos. Foi uma forma radical de aproximação àqueles que permanecem nas margens. Entrar nesse mundo significava tentar perceber aquilo que normalmente observamos de fora. E, para um pintor, essa experiência tornou-se inevitavelmente matéria. O rosto aflito, o corpo em tensão, a figura deformada, amputada, canibalizada a monstruosidade, os alfabetos miasmáticos começam a aparecer como questões recorrentes.

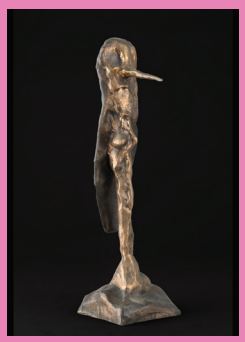
Agostinho Santos interessa-se pelas grandes questões sociais porque acredita que a arte não deve permanecer indiferente. A arte pode não mudar o mundo, mas pode chamar a atenção para aquilo que o mundo prefere não ver. Pode dar um grito. Pode agitar a consciência. Pode obrigar-nos a abrir os olhos.

A leitura de José Saramago, e a convivência com Manuel António Pina, Sobrinho Simões, Ilda Figueiredo foram determinantes no universo de Agostinho Santos. Há, nesse sentido, uma dimensão ativista no seu trabalho, não como programa fechado, mas como atitude perante o mundo. A palavra e a imagem encontram-se frequentemente no seu trabalho, e talvez por isso Agostinho Santos pinte como quem escreve. E desenhe como quem escreve. O desenho é pensamento em movimento. O seu maior exercício é tentar desenhar ou pintar à mesma velocidade com que pensa: captar com as mãos aquilo que está a acontecer no pensamento antes que se organize, se discipline ou se torne previsível.

Rita Roque









Jornalista, artista plástico, curador e investigador, Agostinho Santos (Vila Nova de Gaia, 1960) desenvolve, há quatro décadas, um percurso marcado pela pintura, pelo desenho e pela experimentação de diferentes linguagens e suportes. A sua obra estabelece uma relação permanente entre a experiência individual e as questões sociais e humanas do seu tempo, convocando temas como a condição humana, a exclusão, a desigualdade, a violência, a fragilidade e a relação entre o homem e a natureza.

A sua formação artística teve início na Escola Soares dos Reis, prosseguindo posteriormente na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, onde concluiu o Mestrado em Pintura.

É doutor em Museologia pela Faculdade de Letras / Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto e realizou um pós-doutoramento em Ciências da Arte e do Património na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

A experiência como jornalista constitui uma dimensão estruturante do seu percurso. O contacto direto com diferentes realidades sociais e com histórias de vida marcou profundamente o seu olhar sobre o mundo e encontrou expressão continuada na sua prática artística. Entre o desenho e a pintura, o gesto e a palavra, a matéria e a ideia, desenvolveu uma linguagem própria, de caráter experimental e transdisciplinar, onde a figura humana surge frequentemente em diálogo e tensão com o animal, a natureza e o imaginário.

A sua atividade estende-se igualmente à curadoria, à investigação, à edição e à dinamização cultural. É diretor da Bienal Internacional de Arte de Gaia e Presidente do Conselho de Administração de Artistas de Gaia. É autor de vários livros dedicados ao jornalismo, à pintura e ao desenho.

Realizou mais de 150 exposições individuais e participou em mais de 500 exposições colectivas, em Portugal e no estrangeiro. A sua obra encontra-se representada em numerosas coleções públicas e privadas, nacionais e internacionais.

Entre as suas exposições mais recentes destacam-se *Afinidades Eletivas: Joan Miró e a Arte Contemporânea na Coleção do Museu de Serralves* (Fundação de Serralves, 2026), *Tumulto* (Auditório Municipal de Gondomar, 2026), *O Estranho Terrível Outro III* (Torre dos Clérigos, Porto, 2026), *Temores/Livros de artista* (Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 2026), *Elogio da Loucura ou a Loucura do Pintor* (Casa da Cultura de Paredes e Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2026), *Inventário da Inocência e da Indecência (do Mundo)* (Mosteiro de Ancede / Centro Cultural de Baião, 2026), *O Estranho Terrível Outro III* (Museu Municipal de Caminha, 2025), *Entre o Céu e a Terra e o Paraíso pelo Meio* (Espaço Cultura de Barcelos, 2025), *Olho que Chora Olho que Ri* (Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa, 2024), *Purga* (Torre dos Clérigos, Porto, 2023), *Ver Cegueira Adentro* (Reitoria da Universidade do Porto / Casa Comum, 2022), *Bruto* (Museu da Guarda / Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, 2021), *Século Monstro* (Câmara Municipal de Matosinhos, 2020–2021) e *Homem Bicho* (Museu da Cidade / Casa-Museu Guerra Junqueiro, Porto, 2020).

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Presidente
Pedro Duarte

Vereador do Pelouro da Cultura
e Património
Jorge Sobrado

Diretor Municipal de Cultura,
Património e Leitura / Diretor
do Museu e Bibliotecas do Porto
Lino Miguel Teixeira

Diretora do Departamento Municipal
de Património Cultural e Arte Pública
Ariadne Vinha Cardoso

Chefe da Divisão Municipal
de Arquivo Histórico
Daniela Fernandes

Chefe da Divisão Municipal
do Museu do Porto
Marlene Rocha

Chefe da Divisão Municipal
das Bibliotecas e da Leitura
Sílvia Macedo de Faria

Chefe de Unidade do Gabinete
de Apoio às Bibliotecas e à Leitura
Marisa Teixeira

Chefe de Unidade do Gabinete
de Apoio à Gestão da Coleção e
Tratamento Técnico Documental
Carla Azevedo

Chefe de Unidade do Gabinete
de Apoio à Coordenação de
Programação e Mediação
Rita Ladeiro

Diretora do Departamento Municipal
de Comunicação e Promoção
Isabel Moreira da Silva

EXPOSIÇÃO

HOMEM RAIZ

Exposição Individual de Agostinho Santos
9 outubro a 10 de janeiro 2027
Núcleo Central do Museu do Porto
– Alfândega

Curadoria e Desenho Expositivo
Rita Roque

Design Gráfico
Mariana Marques

Gestão de Projeto
Joana Guerreiro

Educação e Mediação
Museu do Porto

Comunicação
Bruno Pereira
Georgina Carneiro
Pedro Velho

Fotografia
António Alves

Revisão de Conteúdos
Isabel Babo

Contratação
Eduarda Paiva
Alexandra Ramos

Montagem
Ricardo Dias

Desenho de Luz
Miguel Ângelo

Pintura, Carpintaria
e Aplicações Gráficas
Sérgio Sá, Unipessoal Lda

Transporte
Adão Vieira
Ana Isabel Moreira